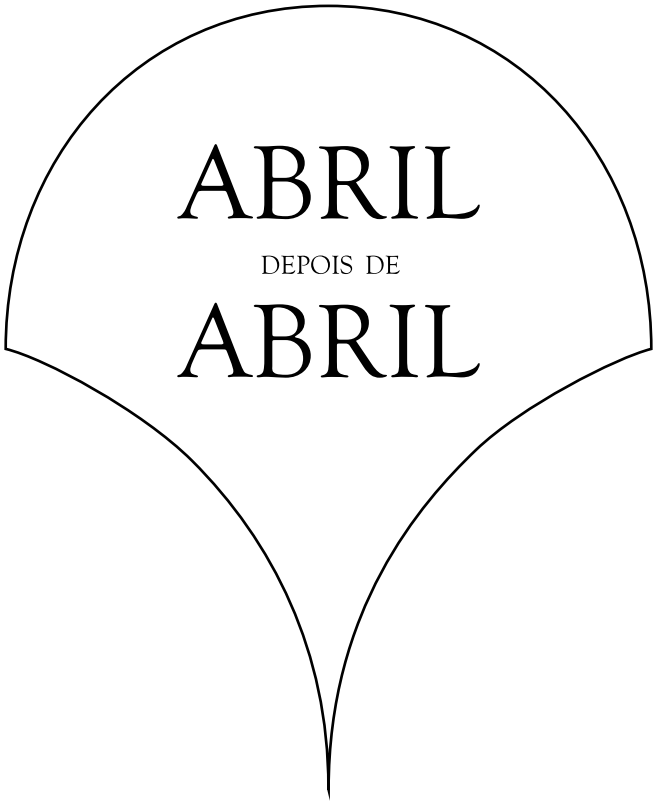




Penélope mantinha-se fiel. Ulisses, seu esposo, desaparecera fazia mais de dez anos. Partira com seus homens para a guerra com Troia e, desde então, nunca mais dele se soube. Andava triunfante por terras distantes a inventar ardilosos cavalos de madeira que o infiltrassem dentro de muralhas alheias. Penélope mantinha-se fiel. Não importava se estava Ulisses morto ou desaparecido, a combater na guerra ou a procurar os escritores do amanhã. Sabia que casara com destemido guerreiro, respeitado pelos homens e agraciado pelos deuses, escolhido na terra e nos céus para completar as mais difíceis missões. Num dia combatia, no outro carregaria os livros do conhecimento. Podiam vir príncipes e reis, mercadores e magnatas. Penélope mantinha-se fiel e assim continuaria.



Exemplar n ° :



ABRIL  
DEPOIS DE  
ABRIL

Título: Abril depois de Abril  
Autores: Helena Nogueira | Miguel Raimundo | Pedro Nunes  
Samuel Pimenta | Valentina Ferreira  
Revisão: João Batista \* Livros de Ontem  
Ilustração | Paginação: Nádía Amante \* Livros de Ontem

©2013, Livros de Ontem  
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1ª edição: Maio 2014  
Tiragem: 100 exemplares  
Depósito Legal:  
ISBN:

Livros de Ontem  
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6ºF  
1500 - 364 Lisboa • Portugal

[www.livrosdeontem.pt](http://www.livrosdeontem.pt)

## *Prefácio*

Era uma vez madrugada. Alvorada anunciando o despertar de um sonho anestesiado. Espreguiçar-se para derreter os grilhões, acender de fachos a noite, gritar quando um mar de lodo nos engasga.

Acordei na madrugada quando já era manhã. Desconhecia tudo, na ingenuidade pestanejante do meu olhar infantil, nove anos e frequência da quarta classe da instrução primária, como então se dizia.

Não fui à escola. Avisada pela realidade do sonho feito carne, minha mãe armou-se de prudência visionária e sacrificou o dever conformista. (Saberia que era já, em mim, prazer estremeado?) Na ausência forçada do meu pai, quis proteger-me sem susto, reteve-me porque sim, plantou-me uma perplexidade no terreno fértil do íntimo, solo arenoso onde toda a semente era engolida, alimentada de fecundos nutrientes de emoção e lógica para germinar e crescer como tijolo que me construísse o ser.

Impedido em casa, dediquei-me a captar a rua, a perceber o que imaginava, a imaginar no que percebia. Aprendi nesse dia a outra escola fora das paredes, os espaços e tempos em que a História se faz. Emissões de rádio povoavam a atmosfera. Respiravam-se expectativas, expunha-se a curiosidade à chuva de notícias, acolhiam-se comunicados como raios de sol, dissipava-se pouco a pouco o nevoeiro das dúvidas. Já tomada de assalto na estratégia da vitória, a televisão ilustrava, no seu realismo a preto e branco, a surpresa do

imenso arco-íris que rompia a longa noite cinzenta. Como o eco estrondoso de uma profecia. Como o fulgor de um clarão messiânico. A alvorada, as canções na rua, as armas enfeitadas, o povo aos magotes numa euforia de mar alto. E o dia a correr célere a meus olhos, no rolamento das peripécias, no trampolim dos comentários e explicações de minha mãe, no atropelo dos receios da querida vizinha situacionista, impregnada de conservadorismo e autoridade no seu sangue monárquico sexagenário. E a ausência forçada do meu pai como uma fratura insuportável.

Um turbilhão, tudo. Um chorrilho maravilhoso e indecifrável. Nove anos e a frequência da quarta classe da instrução primária, como então se dizia, varados num misto de deslumbramento e receio, pressentindo um desmoronar de rotinas serenas e um tumulto de contradições emergindo dos escombros. E a alegria por isso. Como uma ânsia de desordem, uma espécie de excitação de arrasar e fazer de novo, qualquer coisa como uma poética de destruição.

Era uma vez madrugada. Vinte e cinco de abril. Há quarenta anos. Era uma vez liberdade.

Nos dias seguintes, o regresso à calma. O reatar de uma normalidade em que tudo já era outra coisa. De novo a escola, nove anos, a um mês de fazer dez, para concluir, semanas mais tarde, a quarta classe da instrução primária, como então se dizia. O azul aprumado do diploma atestando a classificação do exame escrito e oral que marcou, como selo branco, as inesquecíveis vivências que ali morriam: o mundo das lições de História pátria e dos mapas do ultramar português, da tabuada cantada e do elenco de rios e afluentes, do ordenamento de províncias e distritos e da

sequência das estações de caminho de ferro de todas as linhas e ramais. E a leitura. A poesia decorada e declamada, versos incompreensíveis saboreados na sua superlativa beleza. A prosa discorrida em avanços e recuos de entoação expressiva, passo cadenciado na frase, troca de pés na vírgula, suspensão e retoma no ponto, dobragem de esquina no parágrafo. A descoberta do ritmo da palavra, do valor da pausa, do compasso do período, da harmonia do texto. E a escrita. A caligrafia sufocada nas cópias em caderno de duas linhas e gritando na emancipação das redações. O ditado enjaulando a ortografia que, mais tarde, batendo asas na desenvoltura académica, agradecerá aquela vigilância de ninho. A instrução primária, vivências inesquecíveis marcadas a selo branco na memória.

Nos anos seguintes, a novidade. Opiniões cruzadas em gritos, febre de convicções abraçadas, vertigem de experiências, cegueira de confrontos. Foram tempos de originalidade e risco, de sonhos maiores e de grandes injustiças corrompendo belas intenções. E, nessa espiral de paixões e abusos, a descoberta do valor da escola, logo no ciclo preparatório, depois convertido noutra nome pela primeira de muitas reformas.

O curso unificado. A invenção do saber. Alargar o olhar, conhecer a variedade, perceber a diferença, aprender o outro. A afirmação de um espaço de ousadia: o ensino como provocação, a aprendizagem como desafio, o conhecimento como experiência, mais do que herança. Na base de tudo, a leitura como fogo sagrado e a escrita como exercício de liberdade. Eu, que aprendera nos textos censurados o classicismo da conformidade e as entrelinhas da rebeldia, descobri a novidade da colorida dissonância e podia agora

espalhar na escrita as ideias e emoções todas que me povoavam. O papel era espaço sem cadeias onde toda a verdade era possível.

Vinte e cinco de abril. Há quarenta anos. Era uma vez madrugada. Era uma vez liberdade.

Hoje, na lonjura do tempo decorrido, é a forma estudada, universitária, de olhar a duração que me permite analisar os requebros do caminho. O entusiasmo das lembranças ofusca a frieza da crítica, porque cada ser humano é feito do relativo de toda a sua vida que transporta. A memória aproxima emocionalmente do passado, só a História confere o distanciamento de uma possível honestidade intelectual. Ambas, juntas, constroem a identidade e a consciência do cidadão. E do escritor.

Apreciar a liberdade conquistada. Crescer nela, qual rebento agarrado ao tutor na busca espiralada das alturas do ser. Formar-se nela, qual corpo em expansão no lume brando de um molde de transbordo inevitável. Ser um escritor da madrugada. Acordar na madrugada quando já era manhã. Por não ter verdadeiramente vivido a opressão do pensamento, não experimentei o exercício pleno da ironia nas entrelinhas. Por não ter sofrido a asfixia da inspiração contrariada, não cultivei a arte completa da dissimulação no subtexto. Por não ter sentido na pele a injúria do discurso abafado, não saboreei o gozo total da mensagem subversiva. Penetrei, pela curiosidade e pela pesquisa, nesses testemunhos de um tempo em que a escrita era briosa, em que se exigia coragem para dizer o que se acreditava, em que era preciso talento para dizer a coragem de acreditar.

Vinte e cinco de abril. Há quarenta anos. Madrugada. Liberdade.

A geração da oportunidade. O pensamento sem freios, a explosão visível das vozes sequestradas, espécie de cogumelo atômico do descerrar de mil gavetas proibidas. As ruas povoadas de palavras nunca ditas, a frontalidade do discurso livre, inspirado nos tesouros metafóricos dos saraus e tertúlias do heroísmo reprimido, a esmagar, nas mãos do povo, a circunspeção rebuscada da autoridade deposta das estantes.

E, em breve, a geração das oportunidades, o plural da democratização. O alargamento de todos os acessos, a generalização do possível, as miragens de abundância, a facilitação de quase tudo. Da cultura, também. Consequência: o amolecimento, uma certa acomodação trivial e uma espécie de brandura insossa mascarada de tolerância iluminada. A prepotência de uma elite deu lugar à indiscriminação do coletivo. A seleção arbitrária tornou-se um acolhimento indiferenciado. Sem se dar conta, a exigência transformou-se em vulgaridade. Onde o antigo regime fora retórico, a revolução tornou-se prosaica. A geração das oportunidades.

E dos oportunismos, que são oportunidades desprovidas de memória e contexto. Individualizadas, moldadas ao interesse mesquinho de cada um. A polifonia degenerada em sobreposição de melodias surdas. Muitas vezes banais. Na literatura, a diversificação de ideias gerou a proliferação da escrita, mesmo se vazia delas. O livro vê-se, hoje, hiperbolizado na imagem, descarado de alma, embrulhado numa lógica empresarial competitiva, independentemente do seu recheio. Multiplica-se o dilúvio editorial, ainda que sem leitores

efetivos. Ou críticos, que a vertigem da enxurrada dificulta a profundidade de um mergulho de degustação, permite o crime de misturar sublime e ridículo. Na massificação inexorável, publicar um livro deixou de ser simples questão de talento, tornou-se, em grande parte, regalia de ocasião. Refém do volume de vendas e da margem de lucro editorial, o sucesso literário não depende exclusivamente da qualidade de um autor ou da sua exigência sobre a própria escrita, mas também – e não pouco – do impacto mediático da sua obra e do agrado episódico do seu universo criativo. Se já não existe a garatuja do lápis azul a constranger a criatividade, surge o espectro do gráfico de vendas a condicionar os formatos da imaginação de quem escreve. A ditadura já não é ideológica, é mercantil.

Evidentemente, há as exceções. A madrugada.

Ser um escritor da madrugada. Acordar na madrugada quando já é manhã, respirar a frescura da manhã dos quarenta anos de madrugada, redescobrir a alvorada por entre a bruma do sonho novamente anestesiado. De novo espreguiçar-se, acender e gritar.

Ser um escritor da madrugada. Reconhecer o génio, identificar o operário das letras. Valorizar a inspiração, dignificar as costas vergadas sobre a bigorna em que ela se molda. Acreditar no talento e exigir o esforço. Aplaudir o suor do artista banhando a obra que faz surgir. Semear ideias para que outros colham vivências. Consumir-se para gerar o que talvez já não se verá nascer. Não aceitar uma vida em que não se morra por ela.

Ser um escritor da madrugada. Entregar-se à expansão do olhar infinito para recheiar de infinito os olhares ensimesmados. Erguer o estandarte das canções sobre o silêncio da indiferença assustada. Rejeitar as uniformidades ditadas, confiar na diversidade que enriquece, lutar pela diferença que a liberdade promove.

Ser um escritor da madrugada. Apoiar a edição deste livro. Em liberdade. Quaren